



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

ISLÂNIA RAYLLA DOS SANTOS FERREIRA

**EJA PARA ALUNOS SURDOS: UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO  
INCLUSIVA**

CARAÚBAS - RN

2022

ISLÂNIA RAYLLA DOS SANTOS FERREIRA

**EJA PARA ALUNOS SURDOS: UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO  
INCLUSIVA**

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras Libras.

Orientador: Prof. Me. Francisco Ebson Gomes-Sousa.

CARAÚBAS - RN

2022

©Todos os direitos estão reservados à Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996, e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tornar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata, exceto as pesquisas que estejam vinculadas ao processo de patenteamento. Esta investigação será base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) seja devidamente citado e mencionado os seus créditos bibliográficos.

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas  
da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F383e FERREIRA, ISLÂNIA RAYLLA DOS SANTOS.

EJA PARA ALUNOS SURDOS: UM NOVO OLHAR SOBRE A  
EDUCAÇÃO INCLUSIVA / ISLÂNIA RAYLLA DOS SANTOS  
FERREIRA. - 2022.

44 f.: il.

Orientador: FRANCISCO EBSON GOMES-SOUSA.

Monografia (graduação) - Universidade Federal  
Rural do Semi-Árido, Curso de Letras/Libras,  
2022.

1. Educação de Jovens e Adultos. 2. Surdos. 3.  
Metodologias de ensino. 4. Educação inclusiva. I.  
GOMES-SOUSA, FRANCISCO EBSON, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade  
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Biblioteca Campus Caraúbas  
Bibliotecária: Dalvanira Brito Rodrigues  
CRB: 15/700

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

ISLÂNIA RAYLLA DOS SANTOS FERREIRA

**EJA PARA ALUNOS SURDOS: UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO  
INCLUSIVA**

Monografia apresentada à Universidade  
Federal Rural do Semi-Árido como requisito  
para obtenção do título de Licenciada em Letras  
Libras.

Defendida em: 06 / 05 / 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Francisco Ebson Gomes-Sousa (UFERSA)  
Presidente

---

Profa. Ma. Bianca Sonale Fonseca da Silva (UEPB)  
Membro Examinador

---

Profa. Ma. Rosângela Ívina Araújo dos Santos (UFERSA)  
Membro Examinador

Dedico este trabalho a toda minha família, em especial à minha mãe, por tudo que ela representa em minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me fortalecido nos momentos mais difíceis.

Aos meus professores, porque sem eles jamais teria conseguido.

Um agradecimento especial, ao meu orientador e querido professor Me. Francisco Ebson Gomes Sousa, você me fez acreditar que é possível, até quando parecia estar perdido. Suas doces palavras: “eu confio em você”, você é capaz” ficaram marcadas pra sempre em meu coração. Registro minha gratidão e admiração. Obrigada, Ebson.

Aos intérpretes, pela ajuda e troca de informações.

Ao meu filho Ryan, minha força para continuar lutando todos os dias.

Aos meus familiares, por todo apoio e amor concedido. À minha mãe, pelo exemplo de diário de vida, honestidade e garra.

À instituição, onde adquiri ferramentas muito importantes, mas também valores humanos que vou levar para toda vida. Um agradecimento especial às pessoas que representam tão bem essa mesma instituição.

Agradeço aos meus colegas de sala, pelos momentos de interação, apoio e amizade. Meu carinho pelo grupo: “DA UFERSA PARA O INES” (Mauro, Rafaele e Marília), eu amo vocês. Levarei as melhores lembranças de nossos encontros, dos seminários e dos momentos de lazer. Vocês foram essenciais nessa trajetória.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Os sinais são para os olhos o que as  
palavras faladas são para os ouvidos.

## RESUMO

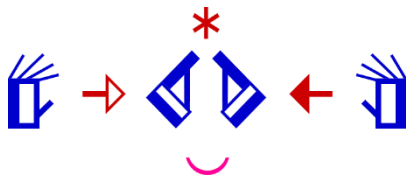
A presente pesquisa trata sobre as metodologias de ensino de Libras na EJA para alunos surdos, focando na formação docente e nas práticas pedagógicas desenvolvidas nessa modalidade de ensino. Dessa forma, nossa pesquisa tem como objetivo geral analisar as metodologias de ensino para alunos surdos da EJA percebendo o processo de ensino aprendizagem e como acontece a educação inclusiva em uma escola pública de Caraúbas-RN e como objetivos específicos pretendemos analisar o processo de ensino aprendizagem de alunos surdos pelos professores e compreender como acontece a acessibilidade nas aulas e o processo de ensino para surdos na EJA pelos tradutores intérpretes de Libras. No referencial teórico foram trazidos autores que explanam a educação de EJA e o ensino de Libras para surdos e as legislações vigentes embasados em Brasil (1988, 1996, 2001, 2005 e 2014); Gil (2002 e 2008); Goldemberg (2004); Moura (2000); Sacks (2010); Skliar (2005). Para alcançar nossos objetivos, utilizamos de uma pesquisa exploratória com análise qualitativa, na qual fizemos uma análise de questionários aplicados com professores e uma tradutora intérprete de Libras dentro de uma escola pública de Caraúbas - RN que trabalha com a EJA especificamente. A partir dos dados obtidos, podemos concluir que as dificuldades encontradas no ensino de surdos na EJA estão ligados à falta de investimentos na formação de professores e demais funcionários da escola, acreditamos que seria importante para a realidade observada que fosse adotado a Libras como língua instrucional na educação dos surdos, além de serem feitas propostas pedagógicas e materiais específicos como o caso da escola observada e tantas outras escolas que atendem estudantes surdos na EJA.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos; Surdos; Metodologias de Ensino; Educação Inclusiva.

## ABSTRACT

The present study comprehends the methodologies for the teaching of Brazilian Sign Language in YAE for deaf students, focusing on faculty formation and pedagogical practices developed in this teaching modality. Therefore, our work has as its overall objective to analyze the teaching methods for deaf students in YAE, perceiving the teaching-learning process and how the inclusive education happens in a public school in Caraúbas -RN; as to the specific objectives, it is intended to analyze the teaching-learning process of deaf students by teachers, and to understand how the accessibility and teaching process work inside the classroom for those students in YAE by BSL translator-interpreters. Our theoretical background encompasses authors who have discussed YAE education and BSL teaching for the deaf, as well as the current laws based on Brazil (1998, 1996, 2001, 2005, and 2014); Gil (2002 and 2008); Goldemberg (2004); Moura (2000); Sacks (2010); and Skliar (2005). To achieve our objectives, we utilized explanatory research with a qualitative approach, in which was applied a questionnaire to teachers and a BSL translator-interpreter from a school in Caraúbas-RN who works specifically with YAE. Based on the findings, it was possible to conclude that the obstacles faced in the teaching of deaf students in YAE are connected to the lack of investments in the teachers' and staff's formation, believing that it would be important for the observed scenario to adopt BSL as an instructional language in the education of deaf people. Besides, there should be made pedagogical proposals and specific materials for schools such as the one discussed in this study and many others which assist deaf students in YAE.

**Keywords:** Youth and Adult Education; Deaf; Teaching Methodologies; Inclusive education.



## RESUMO EM LIBRAS



Escaneie com o celular ou clique no QR Code

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                 |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1</b> - Tempo de atuação dos professores .....                                        | 27 |
| <b>Figura 2</b> - Dificuldades encontradas para o ensino de surdos na EJA .....                 | 29 |
| <b>Figura 3</b> - Facilidades no ensino para surdos pelos professores.....                      | 31 |
| <b>Figura 4</b> - Seminários ou avaliações em grupo para incluir os alunos surdos em sala ..... | 32 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                  |    |
|------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1</b> - Perfil dos docentes.....                       | 25 |
| <b>Quadro 2</b> - Perfil da tradutora intérprete de Libras ..... | 25 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|        |                              |
|--------|------------------------------|
| EJA    | Educação de Jovens e Adultos |
| LIBRAS | Língua Brasileira de Sinais  |

## SUMÁRIO

|                                                                                      |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                                            | <b>15</b> |
| <b>2.1 Educação de Jovens e Adultos.....</b>                                         | <b>17</b> |
| <b>2.2 Inclusão de surdos na EJA .....</b>                                           | <b>19</b> |
| <b>2.3 Educação de surdos no Brasil .....</b>                                        | <b>20</b> |
| <b>3 METODOLOGIA .....</b>                                                           | <b>23</b> |
| <b>3.1 Caracterização do universo e dos sujeitos participantes da pesquisa .....</b> | <b>24</b> |
| <b>3.2 Coleta de dados e procedimentos de análise .....</b>                          | <b>26</b> |
| <b>4 ANÁLISE DE DADOS.....</b>                                                       | <b>27</b> |
| <b>4.1 Perspectivas docentes sobre a EJA para alunos surdos.....</b>                 | <b>27</b> |
| <b>4.2 Perspectiva de uma intérprete de Libras na EJA para alunos surdos .....</b>   | <b>33</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                             | <b>39</b> |
| <b>APÊNDICES.....</b>                                                                | <b>40</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente tem se falado sobre inclusão e também das dificuldades dos profissionais em trabalharem com crianças com necessidades educacionais específicas, nesse sentido, faz-se necessário uma qualificação profissional para os educadores e demais profissionais da educação, para que haja um trabalho eficiente, com segurança e respeito, como também, que a escola ofereça uma educação de qualidade, apoio, não só aos alunos, mas que também a toda comunidade envolvida no processo de ensino aprendizagem.

As escolas têm procurado desenvolver a inclusão dos alunos com deficiência a fim de promover um ensino mais justo e igualitário. Para isso, devem estar preparadas para exercer seu papel de educar, de valorizar a cidadania, a diversidade, a cultura e colocar em prática às políticas pedagógicas, romper barreiras impostas pela sociedade, possibilitar o desenvolvimento dos alunos e buscar sempre inovar para chegar a uma escola inclusiva de verdade.

Delimitando-nos a pensar na realidade da educação de surdos, vemos com a inserção de alunos surdos nas salas de aula, principalmente nas turmas de Educação de Jovens e Adultos - EJA, é preciso levar em consideração que as práticas pedagógicas desenvolvidas precisam ser problematizadas e analisadas, devido ao fato de que os alunos surdos estarem inseridos na mesma sala que os demais, não significa que o desenvolvimento dos alunos surdos enquanto cidadãos está sendo promovido tal qual aos dos ouvintes, é importante a realização de estudos, planejamentos específicos, voltados para essa modalidade de ensino.

A escolha do tema partiu desde uma experiência como educadora na EJA, promovida por programas da secretaria de educação do Governo do Estado, onde participei por volta de três anos consecutivos. Consequentemente, durante um estágio obrigatório do curso de Libras, em uma determinada escola, soube que nela funcionava uma turma de EJA em que tinham alunos surdos. A partir desse estágio, despertou a curiosidade em saber como eram ministradas as aulas, se havia o ensino de Libras, quais recursos os professores utilizavam para desenvolver suas aulas, despertando o interesse em aprofundar um estudo sobre EJA para surdos.

No que se refere a problemática deste trabalho, analisamos como as escolas têm desenvolvido a inclusão de surdos e investigamos como se dão as metodologias de ensino também presente na educação de jovens e adultos. A justificativa da pesquisa realizada veio do reconhecimento da importância das metodologias de ensino na EJA, por meio da Libras ou de Libras para alunos surdos, identificadas em uma turma de uma escola pública e também as necessidades do ensino de Libras e a sua relevância para atender a comunidade surda.

Visando à inserção e a interação das pessoas com deficiência auditiva nos diversos segmentos sociais, acreditamos no poder da educação, de transformar vidas, desejamos que essa pesquisa contribua na formação desses alunos, na construção de sujeitos críticos e pensantes, numa perspectiva inclusiva.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo principal analisar as metodologias de ensino para alunos surdos da EJA, percebendo o processo de ensino-aprendizagem e como acontece a educação inclusiva em uma escola pública de Caraúbas - RN. Assim, especificamente objetivos: A) Analisar o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos a partir da perspectiva dos professores; e B) Compreender como acontece a acessibilidade nas aulas e o processo de ensino para surdos na EJA considerando a atuação dos tradutores intérpretes de Libras.

Nas próximas seções apresentamos por ordem: o referencial teórico, com as reflexões com base nas teorias lançadas sobre a temática da educação de alunos surdos, sobre a EJA e sobre os processos de ensino para este público; a metodologia com o objetivo de investigar como se dão as metodologias para uma melhor compreensão do processo de ensino de Libras na sala de EJA para alunos surdos; na análise iremos mostrar nossas reflexões acerca dos dados obtidos e apresentá-los de acordo com os objetivos e as considerações que apresentam os resultados obtidos pela pesquisa.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesta seção apresentaremos nossas reflexões com base nos autores sobre as especificidades tratadas em nossa pesquisa, dessa forma, para fins de didatizar a organização desta seção subdividimos em: 2.1 - Educação de jovens e adultos; 2.2 - Inclusão de surdos na EJA e 2.3 - Educação de surdos no Brasil.

### **2.1 Educação de Jovens e Adultos**

A Educação de Jovens e Adultos - EJA é uma modalidade de ensino criada pelo Governo Federal que envolve todos os níveis da Educação Básica do país. Modalidade que atende jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação no ensino regular no tempo certo, podendo dar continuidade aos estudos tanto no ensino fundamental como no ensino médio, em que permite que o aluno retome os estudos e os conclua em menos tempo e, dessa forma, tenha uma melhor qualificação e que tenha acesso a oportunidades no mercado de trabalho.

A legislação reconhece as necessidades e condições de aprendizagem especiais desses jovens e adultos, que prevê a oferta regular de ensino noturno, as práticas pedagógicas do currículo e das metodologias, flexibilização nas atividades, observando o processo da aceleração de estudos e a possibilidade de certificação por meio de exames.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é destinada às pessoas que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade adequada, permitindo retomar os estudos de onde eles foram interrompidos. Os alunos dessa modalidade de ensino possuem expectativas em relação a sua aprendizagem, além do saber ler e escrever, eles desejam autonomia, inclusão, socialização e movimentos culturais. O perfil do aluno da EJA, na maioria são trabalhadores, agricultores, desempregados, dona de casa, mães, jovens, idosos e pessoas com necessidades específicas. Dentre esses sujeitos, encontramos a vivência de diversas formas de exclusão social; as trajetórias escolares interrompidas e marcadas por processos de exclusão na escola e a condição de serem, em sua maioria, trabalhadores populares.

Segundo prevê a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, inicialmente, o direito dos jovens e adultos ao Ensino Fundamental, obrigando sua oferta regular pelos poderes públicos. E a Emenda Constitucional nº 59 de 2009 ampliou esse direito ao Ensino Médio. Os primeiros registros histórico-sociais desta modalidade de ensino tiveram início na década de 1930. Contudo, através da Constituição

Federal, em 1934, pela primeira vez no Brasil foi instituída e determinada a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário, a “Educação para todos”.

A oferta da modalidade de EJA, exige-se uma idade mínima de 18 anos para ingressar e apresenta os mesmos conteúdos do ensino regular, porém, utilizando metodologias diferentes. Devido às conferências organizadas pela UNESCO nos anos 1990, a EJA passou a ser reconhecida em vários países. O Plano Nacional de Educação (PNE), disposto pela Lei 10.172/2001, traça como metas algumas prioridades para o decênio 2001-2011. Dentre elas:

Alfabetizar em cinco anos dois terços da população analfabeta, de forma a erradicar o analfabetismo em uma década; assegurar, em cinco anos, a oferta do primeiro segmento do Ensino Fundamental para 50% da população com mais de 15 anos que não tenha atingido este nível de escolaridade; atender no segundo segmento do Ensino Fundamental toda a população com mais de 15 anos que tenha concluído a etapa precedente; dobrar em cinco anos, e quadruplicar em dez anos, o atendimento de jovens e adultos no Ensino Médio (BRASIL, 2001, n. p.).

No ano de 2003, o MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do novo governo federal. Foi criada uma secretaria para atender tal prioridade, tendo como meta principal a erradicação do analfabetismo em 4 anos, tendo uma atuação sobre 20 milhões de pessoas. Então, foi lançado então o Programa Brasil Alfabetizado, no qual o MEC contribui com a assistência direcionada ao desenvolvimento de projetos com as ações: Alfabetização de jovens e adultos e formação de alfabetizadores.

Entretanto, em 2004, após a mudança do Ministro da Educação, o programa foi reformulado, retirando-se a meta de erradicar o analfabetismo de 4 anos e a duração dos projetos de alfabetização foi ampliada em 2 meses, de 4 meses para 8 meses. Assim, chegamos ao século XXI com dados estatísticos de uma alta taxa de pessoas que não sabem ler e escrever e não tem noções básicas das operações matemáticas, representando:

[...] quase 20 milhões de analfabetos considerados absolutos e passam de 30 milhões os considerados analfabetos funcionais, que chegaram a frequentar uma escola, mas por falta de uso de leitura e da escrita, tornaram à posição anterior. Chega, ainda, à casa dos 70 milhões os brasileiros acima dos 15 anos que não atingiram o nível mínimo de escolarização obrigatório pela constituição, ou seja, o ensino fundamental. Somam-se a esses os neo-analfabetos que, mesmo frequentando a escola, não conseguem atingir o domínio da leitura e da escrita (STEPHANOU; BASTOS, 2005, p. 273).

Os dados mostram que os índices de analfabetismo continuam, mesmo que algumas pessoas consigam ler, essa leitura é apenas o reconhecimento do código escrito, mas a habilidade de compreensão e interpretação de texto não foi adquirida adequadamente.

## 2.2 Inclusão de surdos na EJA

Após o processo de restauração da democracia no Brasil (pós ditadura) e a propagação da Constituição de 1988, foi possível uma organização e ampliação das atividades da EJA. As normas constituintes “atendeu às solicitações da sociedade, reconheceu o direito dos jovens e adultos ao Ensino fundamental e a obrigatoriedade ao ensino gratuito, inclusive, para todos os que não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 1988).

Em conformidade com o Art. 37 da LDB 9394/96: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 2020, p. 30). Portanto, a EJA na condição de modalidade de ensino estabelecida pela LDB, deve proporcionar oportunidades educacionais apropriadas às características e aos interesses do sujeito à qual é destinada. Vale ressaltar que foi instituída na LDB uma política de integração da educação profissional ao ensino médio, na modalidade de educação de jovens e adultos.

Com relação à EJA para os alunos surdos, como qualquer outro aluno, estes têm direito a estar na escola, sem haver contra ele nenhum tipo de discriminação ou preconceito. Desse modo, a Lei de nº 7.853/89 (BRASIL, 1989) em seu Art. 8º inciso primeiro, define como crime recusar, suspender, adiar, cancelar ou extinguir a matrícula de um estudante por causa de sua deficiência, em qualquer curso ou nível de ensino, quer seja público ou privado. A pena para o infrator pode variar de dois até cinco anos de prisão, mais multa. Assim sendo, o surdo tem direito a matricular-se em qualquer escola.

A Lei de 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto 5626/2005 (BRASIL, 2002, 2005) reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão, representa uma grande conquista para os surdos brasileiros, porque não só oficializa a Libras, mas garante que a educação da pessoa surda deva ser bilíngue, estabelecendo em seu Art.22

II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa (BRASIL, 2005, n. p.).

Conforme a legislação, os alunos surdos são assegurados o direito de receberem uma educação bilíngue, propiciando uma melhor compreensão entre surdos e ouvintes, respeitando

as características inerentes a sua singularidade linguística e a sua faixa etária. Estas reflexões acerca desta modalidade são fundamentais, pois estes alunos, em seu processo de educação, são marcados por práticas que não eram apropriadas para o seu desenvolvimento pleno enquanto cidadãos comuns. Vale citar as práticas oralistas, que eram constantes durante a educação dos surdos, que forçaram os mesmos a falar e não permitia o uso da língua de sinais, pois acreditava que os surdos deveriam ter o mesmo tipo de educação que era ministrada para os ouvintes.

Os alunos surdos passavam anos aprendendo a falar oralmente e, só depois, com a idade um pouco avançada, eram expostos aos processos educativos, passando por várias dificuldades no desenvolvimento de suas potencialidades, pois era negado o uso da própria língua. A educação inclusiva ainda está em processo de construção, considerando que as práticas pedagógicas desenvolvidas na maioria das escolas não contemplam ainda a aprendizagem e o desenvolvimento das potencialidades dos alunos com necessidades especiais.

[...] a educação inclusiva vai muito além da presença física do aluno no ensino regular. Não é aquela que só aceita as diferenças, mas faz da diferença uma maneira distinta de expressão e de operacionalização do mundo, na qual, compreender pessoas com NEE significa entendê-las a partir de seu próprio marco de referência. Não basta reconhecer e aceitar a diferença. Há que se transformar a ação e a experiência variadas em algo que amplie a nossa visão de mundo no sentido de uma atitude cidadã em respeito às diferenças. (BRASIL, 2005, p. 32).

Com base na referência, a escola, junto com seus professores e coordenadores, deveria rever os procedimentos, suas práticas, adequar seus ambientes, repensar as avaliações, buscar capacitar seus profissionais e exigir que esta capacitação aconteça realmente como deve ser, já que a lei garante isso. É importante acolher e atender a diversidade dos alunos, proporcionando-lhes adaptações didático-pedagógicas e favorecendo a convivência de todos.

## **2.3 Educação de surdos no Brasil**

A história de vida dos surdos é marcada pela discriminação desde à Grécia Antiga, a sociedade os via como “anormais”. Aristóteles, já falava da impossibilidade de os surdos serem considerados como humanos, pelo fato deles não utilizarem a linguagem oral (MOURA, 2000). Diante desse fato, buscou-se homogeneizar a sociedade. Um grupo onde a maior parte era formado por ouvintes, na tentativa de excluir a surdez, utilizando-se de recursos e ferramentas opressoras denominadas “ouvintismo” (SACS, 2010). Dessa forma, os surdos por pertencerem à classe da minoria, além de excluídos, são privados de exercer seus direitos e deveres básicos do cidadão.

Sobre os direitos negados, podemos destacar o acesso a uma educação pública de qualidade, devido a língua de sinais não ser reconhecida como primeira língua da comunidade surda, impede o acesso aos conhecimentos sistematizados. Sobre as imposições ouvintistas, podemos refletir sobre alguns registros históricos em que os surdos foram proibidos de opinar e votar em processos de criação de políticas públicas direcionadas a eles.

Contudo, houve uma grande evolução na educação de surdos no Brasil. Desde as primeiras escolas, à oficialização da lei e as mudanças no processo de ensino, até os dias atuais. No Brasil, no ano de 1857, o imperador D. Pedro II criou o Instituto Imperial de Surdos-Mudos, atual INES, esse Instituto foi grande referência em toda a América Latina, pois recebia surdos oriundos de famílias ricas de todo o continente.

Em 1880, houve o Congresso de Milão - primeira conferência internacional de educadores de surdos. Reuniram-se educadores e especialistas para discutir os rumos da educação das pessoas surdas. As resoluções foram acordadas por educadores (a maioria ouvintes) de diferentes países, que permitiam a língua oral como principal meio de acesso ao conhecimento. Então, ficou decidido o uso do oralismo, sem a interferência de qualquer sistema gestual.

Foi retirado o direito dos surdos de se comunicarem através de línguas de sinais, causando um atraso no estudo e desenvolvimento dessas línguas. Skliar (2005a) afirma que o Congresso de Milão representou não o começo do oralismo, mas a sua legitimação oficial. Firmou-se marco histórico, porém triste, que transformou a hegemonia do ouvir e do falar, e que se desdobrou em uma série de reformulações nas estruturas, nos currículos e nas metodologias de várias instituições.

No Brasil, após a Constituição de 1988, a ideia de inclusão escolar começa a tomar sentido e forma. Alguns eventos como a Conferência Mundial de Educação para Todos (1990), e a Declaração de Salamanca (1994), influenciaram para as criações de leis de educação inclusiva. A lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, foi responsável por trazer diversos avanços para a construção de uma educação que respeite as diferenças da pessoa surda e que dê autonomia para que ela utilize sua língua oficial no Brasil – a Libras.

No contexto de criação de uma educação inclusiva que identifica a diversidade presente nas escolas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 – LDB 9394/96, art. 58, define Educação Especial como “[...] a modalidade de educação escolar oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 1996, p. 24).

Neste sentido, é prevista a oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE, para a “garantia de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades” (BRASIL, 2011, p. 1). Vale ressaltar a relevância dos profissionais que tenham especialização em Educação inclusiva, o que é ainda mais completo do que as formações especializadas em determinadas deficiências, como auditiva ou visual. Na próxima seção, apresentamos a metodologia, que vamos investigar como acontece o ensino de Libras na sala de EJA.

### 3 METODOLOGIA

Tendo como objetivo investigar como se dão as metodologias para uma melhor compreensão do processo de ensino de Libras na sala de EJA para alunos surdos, numa escola em Caraúbas - RN, optou-se por uma pesquisa exploratória, com análise qualitativa, amparados em Gil (2002). A pesquisa foi executada através da realização de questionários com professores e profissionais da escola analisada. Por se tratar de questionamentos, trata-se, portanto, de uma pesquisa exploratória, que, segundo Gil (2002) tem como objetivo oportunizar e familiarizar com o problema pesquisado, a fim de deixá-lo mais visível.

Dessa forma, para se melhor adequar ao objetivo da pesquisa, foi escolhido o questionário como instrumento para viabilizar a busca de informações a respeito da pesquisa. A coleta de dados deu-se através da aplicação de 5 questionários, que tem por objetivo colher informações acerca do objeto estudado e interpretá-las.

Esse tipo de pesquisa inclui entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado” (GIL, 2002, p. 41), como é o caso dos professores que contribuíram aqui. Também é qualitativa dado que, neste tipo de análise “[...] a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.” (GOLDENGERB, 2004, p. 14).

Como procedimento metodológico, foi feita uma pesquisa de campo, onde os dados foram coletados através de um questionário, com uma linguagem clara e de fácil entendimento. O questionário pode ser entendido como, (...) uma técnica de investigação social composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado (GIL, 2008 *apud* DOURADO, 2013).

Dessa forma, de acordo com os nossos objetivos específicos, a presente pesquisa foi realizada pensando em duas partes, em que a primeira intenta “A) Analisar o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos pelos professores” buscando uma visão docente no ensino para surdos na EJA, e a segunda parte com o objetivo de “B) Compreender como acontece a acessibilidade nas aulas e o processo de ensino para surdos na EJA pelos tradutores intérpretes de Libras.” que analisamos as perspectivas de um profissional que trabalha diretamente nesta mediação entre os alunos surdos e professores ouvintes não sinalizantes.

com 4 (quatro) professores de EJA de uma determinada turma, com o intuito de saber um pouco mais sobre a formação, as metodologias aplicadas nas aulas e sobre as dificuldades

que enfrentam no ensino para surdos. Também foi realizada uma pesquisa com 1 (um) intérprete de Libras, que atua na escola onde foi desenvolvido o estudo.

### **3.1 Caracterização do universo e dos sujeitos participantes da pesquisa**

O universo da nossa pesquisa enquadra-se uma escola pública da rede municipal de Caraúbas - RN, tendo em vista que ela trabalhava com alunos surdos regularmente matriculados no período de 2021, em que realizamos a pesquisa com este recorte temporal. A escola funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. Possui 9 classes, com 238 (duzentos e trinta e oito) alunos matriculados. O corpo docente da escola é formado por 17 professores (9 no turno matutino e 8 para os turnos vespertino e noturno).

Assim, constituem-se como sujeitos da pesquisa quatro professores de disciplinas diversas, como: Ciências, História, Educação Física, Ensino de Arte, Ensino Religioso, Inglês, Matemática, Geografia, e Língua Portuguesa, uma intérprete de Libras, ambos funcionários da referida instituição de ensino. Os sujeitos colaboradores da pesquisa são 4 professores e 1 intérprete, ambos do nível 2 (9º ano) do segmento da EJA. Todos os colaboradores foram cientes da não obrigatoriedade em participar da pesquisa, o objetivo de tal, bem como, a garantia de que os dados dos participantes serão preservados e utilizados unicamente para fins acadêmicos.

Foram elaborados questionários com para os professores e para a intérprete, em que continham quinze e dezesseis questões de múltipla escolha e subjetivas, respectivamente. O questionário para os professores tinha perguntas sobre o nível de fluência dos professores, se eles utilizavam algum método de apoio para contribuir no ensino de Libras em sala de aula, quais materiais visuais utilizam, as dificuldades no ensino para surdos, se a escola já disponibilizou de cursos básicos de Libras, o que facilita o processo de ensino para surdos e o que precisa mudar na prática docente para um melhor ensino de Libras para alunos surdos.

O questionário para a intérprete tinha perguntas sobre as dificuldades para atuar na área de formação, como os professores poderiam facilitar o ensino para os alunos surdos, se o intérprete contribui com algo a mais que sua função, se existe interação entre alunos surdos e professores, se os professores utilizam estratégias para o ensino de Libras e o que poderia mudar na prática docente para um melhor ensino para os alunos surdos. Além do questionário, também foi possível colher informações em conversas informais com os professores e a intérprete.

Com base nos nossos objetivos, realizamos a aplicação dos questionários para os professores e a intérprete. Vale ressaltar, que para preservar a identidade dos participantes,

usamos nomes fictícios. Indagado com nome, idade, área de formação, fluência na língua, entre outros. Iremos expor dois quadros com os dados mencionados anteriormente, conforme tabelas a seguir.

**Quadro 1** - Perfil dos docentes

| <b>Nome</b> | <b>Idade</b> | <b>Formação</b>                                    | <b>Formação específica</b> | <b>Disciplina que leciona</b>                                      |
|-------------|--------------|----------------------------------------------------|----------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| Paulo       | 31           | Licenciatura em Língua Portuguesa e Especialização | Sim                        | Língua Portuguesa                                                  |
| Eduardo     | 35           | Licenciatura em Geografia e Especialização         | Em partes                  | Geografia e Matemática                                             |
| Joana       | 36           | Licenciatura em Língua Inglesa                     | Sim                        | Inglês                                                             |
| Pedro       | 34           | Licenciatura em Geografia                          | Não                        | Ciências, História, Educ. Física, Ensino de Arte, Ensino Religioso |

**Fonte:** Elaboração própria

**Quadro 2** - Perfil da tradutora intérprete de Libras

| <b>Nome</b> | <b>Idade</b> | <b>Formação</b>                                          | <b>Formação específica</b> |
|-------------|--------------|----------------------------------------------------------|----------------------------|
| Diana       | 46           | Graduação em Letras Libras e especialização em andamento | Sim                        |

**Fonte:** Elaboração própria

O levantamento do perfil dos participantes realizado através do questionário, foi importante para conhecer os conteúdos que serviram como base para a análise de dados. Como já citado anteriormente, os nomes dos participantes são fictícios, a idade dos professores varia de 31 à 36 e a intérprete de Libras tem 46 anos, percebe-se um público considerado jovem, na área de formação todos com nível superior, alguns com especialização ou em formação.

Os dados apresentados revelam que o perfil dos profissionais não condiz com o que declara a LDB em seu Cap. V, art. 59, inciso III que assegura: “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns” (BRASIL, 1996, n. p.) ou seja, todos os professores entrevistados ainda não possuíam formação específica para trabalhar com os alunos surdos ou com outras deficiências.

Isso representa a falta de profissionais qualificados para se comunicar com os alunos surdos, nos mostra o quanto é desafiador a formação de professores, como também a

importância da postura e prática pedagógica e da formação continuada. Apesar da garantia legal, o bilinguismo não se constitui em realidade para os estudantes surdos da EJA nas escolas regulares.

### **3.2 Coleta de dados e procedimentos de análise**

Foi feita a coleta de dados de acordo com os nossos objetivos específicos, para investigar como se dá as metodologias do ensino de Libras para surdos, resolvemos aplicar um questionário para professores de uma turma de EJA da escola investigada com perguntas específicas. Feita a análise dos questionários, percebemos o nível de fluência dos professores, se elas utilizam algum método de apoio para contribuir no ensino de Libras em sala de aula, quais materiais visuais utilizam, as dificuldades no ensino para surdos, se a escola já disponibilizou de cursos básicos de Libras, o que facilita o processo de ensino para surdos e o que precisa mudar na prática docente para um melhor ensino de Libras para alunos surdos.

Depois de serem esclarecidos sobre a pesquisa e seus objetivos, entregamos pessoalmente aos professores os questionários para serem respondidos e ficamos à disposição para maiores esclarecimentos. Vale salientar, que a escola deu anuência para a aplicação da pesquisa junto aos profissionais da educação. Após o prazo de envio e recebimento dos questionários, os analisamos de acordo com os perfis dos professores e da intérprete de Libras participante, justamente a fim de compreender como os profissionais veem esse atendimento para os alunos surdos nesta modalidade de ensino.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

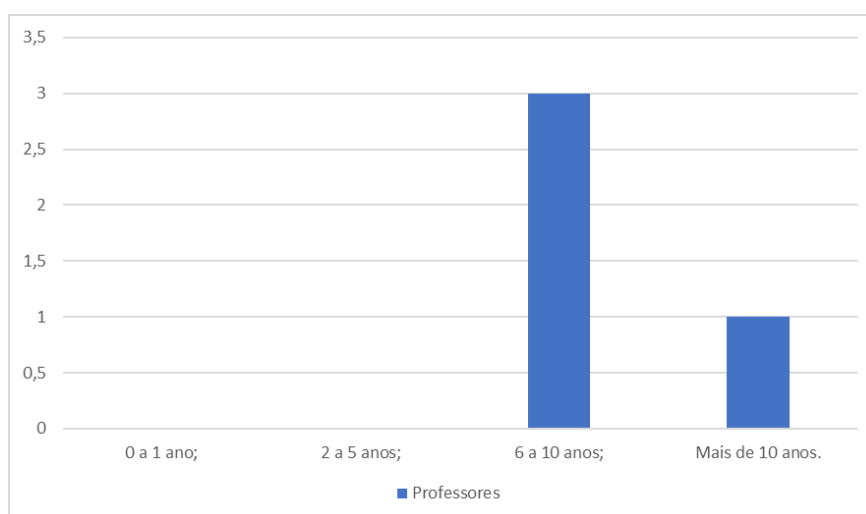
Nessa seção iremos mostrar nossas reflexões acerca dos dados obtidos e apresentar de acordo com os objetivos, principalmente de analisar o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos pelos professores, ao compreendermos como acontece a acessibilidade nas aulas e o processo de ensino para surdos na EJA pelos tradutores intérpretes de Libras. Portanto, dividimos essa seção em duas etapas: 4.1 - Perspectivas docentes sobre a EJA para alunos surdos e; 4.2 - Perspectiva de uma intérprete de Libras na EJA para alunos surdos.

### 4.1 Perspectivas docentes sobre a EJA para alunos surdos

Na aplicação do questionário realizado durante o período de 10 a 20 de março de 2022, referente ao ano letivo de 2022 (fase em que os alunos surdos estavam matriculados na escola), nós investigamos quatro professores, que serão apresentados por nomes fictícios e as respectivas disciplinas que lecionam: Pedro (Ciências, História, Educação Física, Ensino de Arte e Ensino Religioso; Joana (Inglês); Eduardo (Geografia e Matemática); Paulo (Língua Portuguesa).

Na primeira pergunta, buscamos saber a idade deles, que variam entre 31 a 36 anos. Na sequência, queríamos saber a titulação e os anos de atuação. Assim, demonstramos na figura a seguir:

**Figura 1** - Tempo de atuação dos professores



**Fonte:** Elaboração própria.

Dessa forma, os professores Pedro, Joana e Paulo possuem entre 6 a 10 anos de atuação e apenas o professor Eduardo que possui mais de 10 anos, em que todos variam entre graduação e especialização a sua maior titulação. Além do quadro sobre o perfil dos professores apresentado na seção metodológica, podemos perceber que os professores são bastante jovens e lecionam em sua maioria disciplinas específicas de formação.

Por tratarmos do aspecto formativo, indagamos sobre a experiência com alunos surdos, Pedro, Eduardo e Paulo já tinham experiência de anos anteriores, já a professora Joana, disse que era a primeira vez que tinha contato com alunos surdos. Quando questionamos se utiliza(ou) algum método de apoio para contribuir no ensino aprendizagem dos surdos, os professores expressaram as seguintes afirmações:

*Utilização de objetos concretos e os recursos digitais. (Pedro, 2022)*

*Auxílio de um intérprete quando necessário. (Joana, 2022)*

*Apoio do intérprete de Libras. (Eduardo, 2022)*

*Tento sempre buscar materiais audiovisuais que tenham legendas, no mais, mas não faço uso de nenhum método em específico (Paulo, 2022)*

Diante das respostas dadas, entendemos que quando é citado que o método de apoio para o ensino é o intérprete de Libras, o professor ainda não tem conhecimento das metodologias e dos recursos que devem ser usados para facilitar o ensino e aprendizagem dos surdos. Os Tradutores Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa - TILSPs não servem como mediadores do ensino, para isso, é necessária uma adaptação dos materiais, o uso de materiais visuais, como imagens, vídeos e outros, em que a prática pedagógica e didática é do docente regente. Sabemos que é uma tarefa bastante difícil, que a responsabilidade não é só do professor. Os órgãos públicos devem assegurar condições de materiais e formação docente para garantir ao surdo um ensino de qualidade.

Ao questionarmos se durante as aulas, utilizavam algum material visual, como: imagens, slides, ou outros, eles deram como respostas:

*Sim! Slides, vídeos, imagens e objetos concretos. (Pedro, 2022).*

*Sim! Atividades impressas, imagens de acordo com o tema. (Joana, 2022).*

*Sim! Imagens, vídeos e slides. (Eduardo, 2022).*

*Sim! Imagens, slides e vídeos. (Paulo, 2022).*

Vemos que os professores fazem uso de materiais visuais para o suporte das aulas que ministram, muitos desses recursos podem ser pensados na melhoria do processo de ensino-

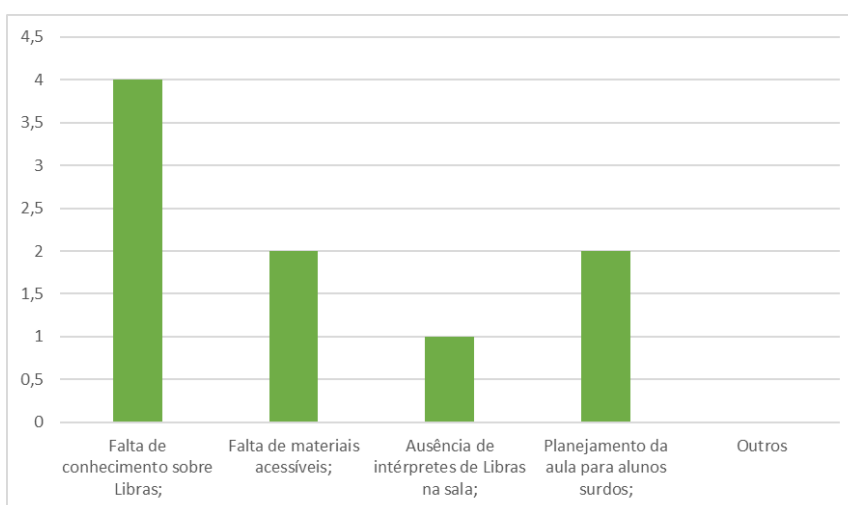
aprendizagem dos alunos, sejam eles surdos ou ouvintes. Contudo, quando nos deparamos com a realidade do ensino para surdos, é preciso que pensemos em estratégias que possam auxiliar estes alunos especificamente, um dos pontos que nos inquieta é o uso da língua de sinais e sobre a educação de surdos como um todo.

Assim, quando questionados se já fizeram algum curso de formação para contribuir na educação de surdos, percebemos que os professores Pedro, Joana e Paulo, responderam não. Já o professor Eduardo, disse sim, e ainda citou como formação, a pós graduação, porém, não é na área de Libras. O problema existente no processo de ensino para alunos surdos é que, os professores das escolas não têm formação suficiente para lidar com o surdo.

Por mais que estejamos sempre mostrando as legislações vigentes, como o caso do decreto que regulamenta a lei da Libras e sobre a obrigatoriedade da formação em Libras nas licenciaturas e cursos de fonoaudiologia (BRASIL, 2002, 2005), é importante destacar a existência de um projeto educacional e curricular da escola que leve em conta a realidade desses alunos. Dessa forma, professores e a escola em geral, devem ser preparados para utilizar uma comunicação visual e se possível até mesmo em Libras, ou minimamente articulada com os profissionais da área, como os professores do Atendimento Educacional Especializado - AEE e também, os profissionais da Libras, como professores surdos, TILSPs e outros.

Nossa pergunta seguinte foi sobre a maior dificuldade encontrada no ensino para surdos na EJA, em que poderiam escolher entre as seguintes opções: Falta de conhecimento sobre Libras; Falta de materiais acessíveis; Ausência de intérpretes de Libras na sala; Planejamento da aula para alunos surdos; ou outros. Assim, os professores apontam que:

**Figura 2** - Dificuldades encontradas para o ensino de surdos na EJA



**Fonte:** Elaboração própria.

Todos os docentes marcam que a falta de conhecimento sobre a Libras é uma das maiores dificuldades; (Pedro, Joana, Ely e Paulo), a falta de materiais acessíveis são apontadas pelos professores Ely e Paulo, a professora Joana fala da ausência de Intérpretes de Libras em sala de aula, além de também relatar a dificuldade de planejamento de aulas para alunos surdos da mesma forma que o professor Paulo aponta.

Entendemos sobre as dificuldades para ensinar os surdos, mas, diante da realidade na sala de aula, segundo conversamos com a tradutora intérprete, os próprios professores não sabem sinalizar com os surdos e não tem como prioridade desenvolver um trabalho diferenciado ou mais próximo dos alunos surdos. Esse fato acontece devido a presença do intérprete na sala de aula, que a atuação é confundida com a do professor em muitos casos, ações como explicações, dúvidas, ficam sob responsabilidade da atuação da intérprete.

Questionamos também se a escola em que eles trabalham já disponibilizou alguma oficina ou curso básico de Libras para professores e funcionários. Obtivemos 3 respostas sim e uma não. Acreditamos que quando houve essa oficina ou curso, o professor ainda não trabalhava na escola, justificando a sua resposta.

Sobre a escola promover formação e cursos para os professores, a LDB 9394/96 (BRASIL, 1996) expõe sobre o apoio especializado para atender os alunos com necessidades educacionais específicas, e a necessidade de professores especialistas para atuar com alunos com deficiência em sala de aula regular. Portanto, cabe ao professor organizar, planejar e desenvolver as atividades voltadas para as particularidades dos alunos, ouvintes e surdos.

A seguir, os docentes avaliam o desenvolvimento e aprendizado dos alunos surdos:

*Bom, apesar das condições apropriadas ainda não serem possíveis.* (Pedro, 2022).

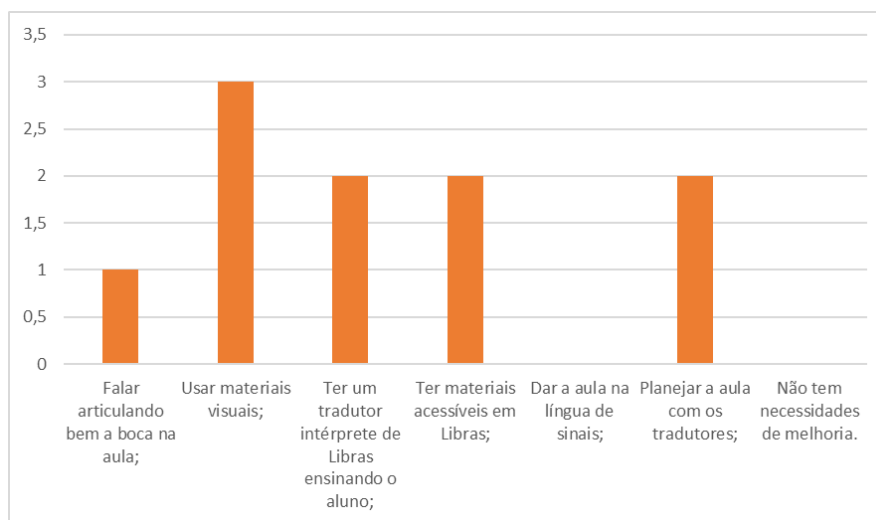
*Não satisfatória.* (Joana, 2022).

*Bom.* (Ely, 2022).

*Proveitoso. Já que contamos com intérpretes que contribuem muito para nossa comunicação com os alunos surdos* (Paulo, 2022).

Para que haja um bom desenvolvimento no processo de ensino aprendizagem, um dos aspectos fundamentais é buscar conhecer sobre a história de vida dos alunos, a sua cultura e como é a comunicação em casa com a família. É importante que desenvolvam atividades considerando as diferenças sociais e culturais, manter uma postura flexível e estar atentos às necessidades educacionais dos alunos.

Pedimos a opinião dos professores sobre o que facilita o processo de ensino para surdos. Apresentamos as respostas:

**Figura 3** - Facilidades no ensino para surdos pelos professores

**Fonte:** Elaboração própria.

Observando as opções citadas, todas elas contribuem no processo de ensino para os surdos. Quando falamos com calma e articulando bem a boca, facilita a leitura labial que muitos surdos conseguem fazer, por mais que saibamos que não é comum entre os surdos e nem todos conseguem. O uso de materiais visuais é um recurso bastante significativo para o aluno surdo, por ser um método pedagógico, que facilita a criação de um contexto inclusivo mais adequado às suas necessidades, criando uma forma de acesso ao conhecimento.

A presença do tradutor intérprete na sala de aula, o seu papel é de interpretar, fazer a troca de mensagens de uma língua para outra, orais ou sinalizadas e facilitar a comunicação entre professor e alunos. Mas, não de atuar como educador. Ter materiais acessíveis em Libras, auxilia no ensino, como ajuda na aprendizagem dos surdos. O professor pode fazer uso de materiais adaptados e fazer uso de recursos tecnológicos e de imagens.

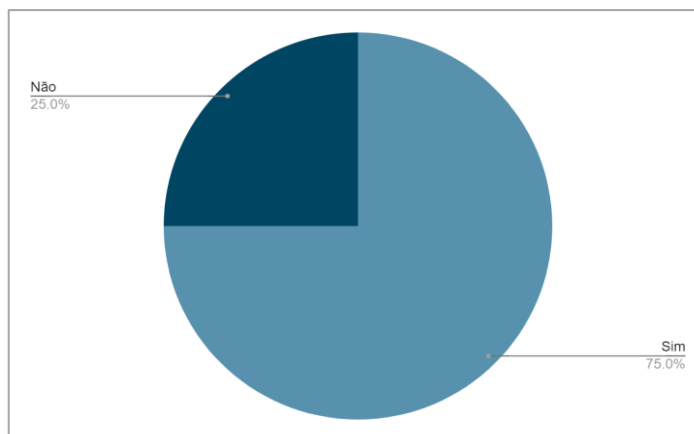
Ministrar a aula em língua de sinais - Libras, é um sonho não muito distante, as condições para isso, devem ser garantidas pelos órgãos públicos, pelos sistemas de ensino, para então se efetivar a Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) que dispõe sobre a língua brasileira de sinais, reconhece que ela é uma forma de comunicação e expressão. A eficácia da lei depende muito da forma como o poder público a desempenha. A participação do intérprete no planejamento das aulas, nas reuniões pedagógicas, além de mediar nas atividades a serem desenvolvidas na sala, também contribuirá para o melhor desempenho dos alunos, tornando uma inclusão mais harmoniosa.

Sobre a última coluna do gráfico na opção: “não tem necessidade de melhorias”, é um dado bastante curioso que nenhum professor marcou essa opção. Torna-se um pouco

contraditório, visto que em questões anteriores, eles citam algumas dificuldades encontradas para desenvolver o ensino para alunos surdos.

O gráfico abaixo representa se os professores já recorreram a seminários ou avaliações em grupos para incluir os surdos juntamente com alunos ouvintes:

**Figura 4** - Seminários ou avaliações em grupo para incluir os alunos surdos em sala



**Fonte:** Elaboração própria.

Percebemos que um professor relata que nunca fez um trabalho em grupo, para que os alunos surdos e ouvintes pudessem participar juntos. A metodologia utilizada em sala de aula deve contemplar a organização de atividades em pequenos grupos, a fim de que o aluno surdo se socialize com os demais alunos da turma. O professor deve também diversificar as tarefas e utilizar métodos e recursos visuais de comunicação, criar estratégias que beneficiem possibilidades de interação com colegas ouvintes, favorecendo os estímulos para a aprendizagem e comunicação entre eles.

Finalizando o questionário, indagamos sobre o que precisaria mudar na prática docente para que haja um melhor ensino de Libras para alunos surdos. Os professores expressaram as seguintes colocações:

*Mais cursos de formação continuada para os professores que lidam com os alunos surdos. (Pedro, 2022).*

*Precisa-se inserir a disciplina de Libras na grade curricular, para que todos possam ter noções básicas de língua de sinais, inclusive os próprios surdos. (Joana, 2022).*

*Formações para os professores, alunos e familiares. (Ely, 2022).*

*Acredito que uma formação continuada ajudaria muito aos docentes que precisam lidar com este desafio na sala de aula, em suma, todos os docentes deveriam dominar a Libras e conhecer sobre a cultura surda. (Paulo, 2022).*

No que diz respeito à formação docente para atuar na educação dos surdos, o Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005) solicita ao poder público e às demais instituições de ensino credenciadas ao MEC, tal responsabilidade. Após 10 anos da regulamentação da Lei 10.436/02 (BRASIL, 2002) as iniciativas ainda se mostram acanhadas diante da demanda ofertada. É fundamental que entendamos que a formação inicial deveria propor condições de um trabalho docente consciente, não só de teoria, mas de destacar a construção do conhecimento com práticas para que possamos enfrentar os desafios do processo ensino aprendizagem.

A formação do professor precisa ser contínua e que o conhecimento seja gradual e sistematizado com perspectivas de inovar, vencer os desafios, faz-se necessário deixar de ver a educação como processo de integração, mas sim como inclusão, fundamentada nas concepções de direitos humanos, pois a educação é um direito de todos, com garantia de acesso e permanência nas escolas.

#### **4.2 Perspectiva de uma intérprete de Libras na EJA para alunos surdos**

No mesmo período de aplicação do questionário para os professores, pudemos também investigar sobre a tradutora intérprete de Libras e Língua Portuguesa que atua na mesma escola em que fizemos a pesquisa. Para preservar o nome da mesma, iremos chamá-la de Diana, ela tem 46 anos de idade, é graduada em Letras-Libras pela UFERSA e está fazendo a pós-graduação e atua na área acerca de 2 a 5 anos.

Iniciando nosso questionamento, quisemos saber quais as maiores dificuldades encontradas como intérprete e obtivemos a seguinte resposta: *“A falta de material didático e adaptado em língua de sinais.”* (DIANA, 2022). Acreditamos que a resposta da TILSP sobre a ausência de materiais didáticos pode se referir ao material que chega para que a mesma possa se preparar linguisticamente em Libras para atuar nas aulas, ou até mesmo, podemos vislumbrar uma preocupação docente latente na mesma, uma vez que ela é formada para a docência de Libras.

Questionamos em que a escola poderia contribuir para um melhor desenvolvimento no ensino de surdos na EJA, segundo a intérprete: *“Se houvesse engajamento coletivo, mais empenho por parte dos funcionários, pais, alguns dizem não gostar.”* (DIANA, 2022). Vemos na fala da tradutora que muitas vezes não se tem um vínculo efetivo entre todos os profissionais no contexto da escola, e mais ainda percebemos isso com os alunos surdos, que a única pessoa/profissional que está ali nas interações linguísticas possíveis, é o tradutor e o aluno

surdo, muitas vezes. Em que nos indagamos de como poderemos auxiliar neste processo que necessita da participação de todos.

Pedimos a opinião da profissional intérprete, sobre como os professores poderiam facilitar o ensino para os surdos. Ela discorreu:

*Fazendo a produção de material adaptado em Libras, fazendo uso de imagens relacionadas ao conteúdo dado, com avaliações dinâmicas, estimulando o surdo a responder às avaliações na sua língua materna e não usando somente a escrita. (Diana, 2022).*

Diante do que foi exposto, concordamos com a fala da tradutora, sabemos da importância dos recursos visuais. Esses recursos deveriam ser prioridades nas propostas de ensino para surdos e os professores deveriam ter um olhar voltado para as necessidades e dificuldades destes alunos, pois os surdos não são iguais. Por isso, expressamos sobre a necessidade de analisar metodologias que atendam a cada aluno. Sobre as capacidades visuais e as potencialidades dos surdos, Skliar (2016), aponta que a surdez é uma experiência visual e que, por isso, para existir uma interação com o mundo é necessário vivenciar a visualidade.

Ao pedirmos uma definição do ensino de Libras na turma de EJA, ela foi bastante clara: “Não existe ensino de Libras na EJA. O que existe é a tradução/interpretação do português para Libras, para um aluno surdo.” Mais uma vez, expomos que a formação do professor é algo desafiador, que exige um repensar crítico de sua postura, da sua formação e da prática pedagógica. Afirmamos ainda que é direito do surdo ter acesso a um ensino de qualidade, mas requer a efetivação de escolas bilíngues, conforme recomenda a legislação, adoção de políticas de formação continuada e de profissionais qualificados que repensem suas práticas, preconceitos e assumam novas ideias.

Quando questionada se contribui por algo a mais que sua função na sala de aula, a entrevistada alega que:

*Sim. O papel de intérprete e professora, na maioria das vezes quando não há entendimento do assunto por parte do aluno surdo, além da tradução/interpretação precisa fazer uma explicação, explanação usando o contexto. Por necessidade do aluno, também o auxílio nos deveres de casa. (Diana, 2022)*

A presença de um intérprete não define e nem assegura a adequação de metodologias para a aplicabilidade educacional aos alunos surdos, porém, o profissional conhece a realidade do aluno surdo, o que auxilia nas práticas educacionais. O professor é responsável por planejar as aulas, por decidir quais são os conteúdos adequados, pelo desenvolvimento e pela avaliação dos alunos. Quando acontece essa “confusão”, o professor acaba deixando suas obrigações na responsabilidade do intérprete, e acaba prejudicando a aprendizagem do aluno surdo.

Questionamos também como vê o aprendizado dos alunos surdos na EJA, ela foi sincera ao nos afirmar que: *“Muito bom. É inclusão, é acessibilidade e a oportunidade de aprendizagem.”* (Diana, 2022). A inclusão do surdo na escola, para aprender Libras, não o garante apenas o acesso à comunicação. Ele aprende sobre políticas sociais, cultura e seus direitos, e possibilita aos ouvintes conhecer aspectos linguísticos e culturais do povo surdo.

Procuramos saber se existe interação entre alunos surdos e professores, entre alunos surdos e ouvintes. A intérprete respondeu: *“Sim. Seja pela mediação da intérprete ou usando sinalização caseira, gesticulando, sempre há interação entre surdos e ouvintes, alunos e professores e demais funcionários.”* (Diana, 2022).

A frequência e o contato diário com os surdos, possibilita confiança, socialização, reconhecimento dos sujeitos, participação social, sejam através das palavras ditas ou sinalizadas. A interação entre os que fazem a escola é primordial para que a escola inclusiva venha a acontecer de fato. É extremamente válido que as instituições sejam capazes de reunir esses sujeitos mesmo com as limitações, sempre incentivando-os, acolhendo-os e estimulando-os, como também instigá-los a serem participativos. Tornando a escola imprescindível para a inserção da pessoa surda no ambiente social de forma adequada e saudável.

Percebemos o quanto é gratificante ver esses pequenos avanços, mesmo sem saber a língua de sinais Libras, os alunos, professores e demais funcionários, encontram uma forma de se comunicarem com os surdos. apontamos também, que o ensino de Libras não seja apenas para alunos surdos, que seja disciplina para todos os alunos terem acesso e aprendam a língua.

Ainda sobre os questionamentos, indagamos qual a maior dificuldade para desenvolver seu trabalho: *“Falta de material adaptado ou até mesmo do material comum, às vezes preciso pesquisar imagens no celular para uma melhor compreensão do aluno surdo naquele contexto.”* (Diana, 2022). A escassez de materiais e recursos para um melhor desempenho nas aulas, dificulta o aprendizado dos alunos, atrasa o conteúdo e torna o ensino vago, sem planejamento e sem estratégias.

Solicitamos para a intérprete avaliar o desenvolvimento e aprendizado dos alunos surdos. Diante do exposto, ela nos respondeu: *“Bom. Apesar das aparentes dificuldades, existe um aprendizado, uma interação, uma inclusão.”* (Diana, 2022). Sobre a expressão "inclusão", o termo não significa apenas juntar ou inserir. A inclusão refere-se à nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. Assim, o acesso à comunicação ainda é restrito aos alunos surdos, por falta de recursos que se referem às

dificuldades do professor em planejar atividades que oportunizem a participação de alunos surdos e ouvintes.

Questionada sobre as estratégias que os professores utilizam para o ensino de Libras, a profissional relata que “às vezes um slide, documentário legendado.” (Diana, 2022). Sabemos que para dar aula para surdos, requer muito esforço, planejamento, metodologias e uso de diversos materiais adaptados. Podemos identificar que o uso de materiais usados pelos professores é bem restrito.

Pedimos a opinião dela sobre o que precisaria mudar na prática docente para que haja um melhor ensino de Libras para alunos surdos. Assim a tradutora nos fala que “Os docentes sabem o básico de Libras e nos planejamentos das aulas repensar na acessibilidade do aluno surdo.” (Diana, 2022). Os professores devem estar capacitados, em sua formação deve ser incluído cursos sobre educação especial e educação inclusiva, além de adquirir competências para perceber as necessidades educacionais dos educandos.

Para finalizar as perguntas do questionário, indagamos sobre a importância do ensino de Libras para alunos da EJA:

*É importante ter a tradução/interpretação do português para Libras na EJA, pois promove a autonomia, a cidadania, a interação com a sociedade e sair do anonimato que os surdos viveram no passado. A EJA proporciona aos surdos o ensino e a inclusão, estes servem de ponte para as próximas gerações. (Diana, 2022).*

Como foi relatado, o ensino de Libras não é basicamente restringido ao ensino da língua, e sim, uma libertação. No início do nosso trabalho, foi citado que no passado os surdos não eram reconhecidos como seres humanos, pelo simples fato de não usarem a voz para se comunicarem. Os alunos de EJA, mesmo que não estando na idade regular, conseguem aprender e ter os mesmos benefícios que os alunos regulares. Fazendo-se necessário um trabalho mais específico e pautado na educação dos alunos surdos.

Através dos questionários aplicados e dos estudos feitos a partir de leituras e outras pesquisas, observou-se a necessidade do fortalecimento de metodologias para o ensino de Libras ou principalmente do ensino para os alunos surdos como um todo. Temos consciência de que ainda há muito o que se fazer pela Educação de Jovens e Adultos, principalmente quando nas turmas tiverem alunos com deficiência matriculados. Embora a legislação reconheça as necessidades e condições de aprendizagem especiais desses jovens e adultos, a realidade nas turmas de EJA ainda está distante de um cenário favorável para o ensino-aprendizagem do aluno surdo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos pelos professores e compreender como acontece a acessibilidade nas aulas e o processo de ensino para surdos na EJA pelos tradutores intérpretes de Libras. Os resultados deste estudo evidenciam a privação de profissionais capacitados para trabalhar na área da inclusão, principalmente com alunos surdos.

Desse modo, a Educação de Jovens e Adultos para surdos está prejudicada, não queremos delegar culpa, se é que existem culpados, em que muitas vezes veem apenas os professores, mas todo o sistema educacional deve ter mudanças, já que vem sofrendo modificações na implementação da legislação e da garantia aos direitos já conquistados na LDB, no Decreto 5.626/2005, por exemplo.

Destacamos a relevância de um planejamento de ensino que contemple as especificidades do aluno surdo. Para isso, é responsabilidade do professor utilizar mais recursos visuais, saber um pouco de Libras para manter uma comunicação básica com o aluno, e compreender o papel do intérprete e realizar um trabalho em conjunto em prol da educação de surdos.

Contudo, o se observa é um ensino com as atividades centradas dentro de uma lógica e visão apenas para ouvintes, aulas focadas na oralidade e materiais didáticos em Língua Portuguesa. Apesar de haver medidas de inclusão, a didática da escola não contempla os alunos surdos em plenitude, pelo que observamos. Contudo, a escola deveria elaborar um projeto pedagógico que integre todos os profissionais que nela atuam, incluindo alunos surdos e ouvintes.

A nossa permanência nesta pesquisa nos fez pensar sobre alguns questionamentos e preconceitos diante do assunto abordado. Compreendemos o que é estar no lugar do outro. Isso ficou claro, após nosso encontro com Diana, a intérprete da escola. Ela fala das inúmeras vezes que é preciso “dar aula” para os alunos surdos, porque na sala de aula eles não conseguem acompanhar e entender o que os professores estão explicando e o que a intérprete está traduzindo. Quando os professores passam as atividades de casa, eles a procuram em sua residência, para ajudar a responder, já que não conseguem fazer sozinhos. Mesmo reconhecendo a importância da presença do intérprete na sala, não é suficiente para reparar as barreiras que dificultam o desenvolvimento educacional dos surdos.

Ressaltamos que as inseguranças e carências vividas pelos professores estão associadas à falta de formação na educação de surdos e até mesmo dentro da língua de sinais. Isso nos faz

refletir sobre as mudanças que queremos na educação dos surdos, está nas mãos dos órgãos públicos, em querer fazer mudanças e promover ações que venham transformar as escolas ditas inclusivas.

Para efetivar a inclusão dos surdos na EJA são necessárias algumas ações que são essenciais para inserção desses alunos. Podemos citar: formação continuada de professores e demais profissionais envolvidos no processo pedagógico; a adoção da Libras como língua instrucional na educação de surdos; presença do tradutor e intérprete; elaboração de propostas pedagógicas e materiais para as escolas que atendem a estudantes com surdez na EJA, planejamento com os TILPS e dentre outros. Desenvolver atividades que envolvam teatro, narrativas e materiais visuais.

Os resultados obtidos pela pesquisa, apontam a carência de ações pedagógicas e estratégias que desenvolvam um trabalho onde todos estejam envolvidos. As atividades aplicadas em sala de aula requerem uma maior participação dos profissionais, que os educadores repensem suas práticas e tragam atividades que visem o desenvolvimento de todos os alunos, que eles possam refletir e analisar a realidade em que estão inseridos.

Investigar sobre a Educação de Jovens e Adultos para alunos surdos foi de grande valia para a pesquisadora, contribuiu para uma melhor reflexão acerca dos problemas enfrentados na EJA, pois estimula a pesquisadora a querer trabalhar e contribuir na área, visto que a modalidade da EJA precisa de atenção, tanto em formação profissional, como estrutura das escolas, assistência aos estudantes e dispor de materiais didáticos adaptados.

## REFERÊNCIAS

- BESERRA, Analice Moura. **O processo de inclusão do aluno surdo na educação de jovens e adultos**. Patos, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/handle/177683/1540>. Acesso em: 30 mar. 2022
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei Federal nº 9.394**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Senado, 1996.
- BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília, 2005
- BRASIL. **Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014**. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 abr. 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm). Acesso em: 16 out. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n. 2/2001-CNE/CEB de 11 de setembro de 2001**. Institui Diretrizes nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 14 set. 2001.
- BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10172.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm). Acesso em: 30 mar. 2022
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8º ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MOURA, Maria Cecília. **O Surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução: Laura Teixeira Motta. 1. ed. 5º reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 2010. Título original: Seeing voices: a journey into the world of the deaf.
- SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez** – um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005a. p.7-32.
- STRELHOW, T. B. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 10, n. 38, p. 49–59, 2012. DOI: 10.20396/rho.v10i38.8639689. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639689>. Acesso em: 30 mar. 2022.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO  
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM LETRAS LIBRAS

Sou Islânia Raylla dos Santos Ferreira, estudante do curso de Letras Libras da UFERSA, campus Caraúbas, sob orientação do prof. Me. Francisco Ebson Gomes-Sousa. Estou realizando este questionário para coleta de dados para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado como METODOLOGIAS DE ENSINO DE LIBRAS PARA ALUNOS SURDOS: UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA. Gostaria de contar com seu apoio, respondendo este questionário. Todas as informações serão usadas para fins acadêmicos da pesquisa, em nenhuma hipótese revelaremos as identidades dos participantes.

Você aceita participar da nossa pesquisa? ( ) Sim ( ) Não

### QUESTIONÁRIO PARA O PROFESSOR DA EJA

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Qual a sua idade? \_\_\_\_\_

3. Qual a sua maior titulação?

( ) Graduação: \_\_\_\_\_

( ) Especialização: \_\_\_\_\_

( ) Mestrado: \_\_\_\_\_

( ) Doutorado: \_\_\_\_\_

4. Quantos anos atua na área?

( ) 0 a 1 ano;

( ) 2 a 5 anos;

( ) 6 a 10 anos;

( ) Mais de 10 anos.

5. Qual(is) disciplina(s) você leciona?

\_\_\_\_\_

6. Já teve alguma experiência de ensino para alunos surdos?

( ) Sim

( ) Não

7. Como professor(a), você utiliza(ou) algum método de apoio para contribuir no ensino aprendizado dos surdos?

---

---

---

8. Em suas aulas, utilizava algum material visual, como: imagens, vídeos, slides ou outros?

( ) Não

( ) Sim: Quais? \_\_\_\_\_

9. Já fez algum curso de formação para contribuir na educação de surdos?

( ) Não

( ) Sim: Quais? \_\_\_\_\_

10. Qual a maior dificuldade encontrada no ensino para surdos na EJA?

( ) Falta de conhecimento sobre Libras;

( ) Falta de materiais acessíveis;

( ) Ausência de intérpretes de Libras na sala;

( ) Planejamento da aula para alunos surdos;

( ) Outros: \_\_\_\_\_

11. A escola que você trabalha já disponibilizou de alguma oficina ou curso básico de Libras para professores e funcionários?

( ) Sim

( ) Não

12. Como você avalia o desenvolvimento e aprendizado dos alunos surdos?

---

---

13. Na sua opinião, o que facilita o processo de ensino para surdos?

( ) Falar articulando bem a boca na aula;

( ) Usar materiais visuais;

( ) Ter um tradutor intérprete de Libras ensinando o aluno;

( ) Ter materiais acessíveis em Libras;

( ) Dar a aula na língua de sinais;

( ) Planejar a aula com os tradutores;

( ) Não tem necessidades de melhoria.

14. Você recorreu a seminários ou avaliações em grupos para incluir os surdos juntamente com alunos ouvintes?

( ) Sim

( ) Não

15. Na sua opinião, o que precisa mudar na prática docente para que haja um melhor ensino de Libras para alunos surdos?

---

---

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Sou Islânia Raylla dos Santos Ferreira, estudante do curso de Letras Libras da UFERSA, campus Caraúbas, sob orientação do prof. Me. Francisco Ebson Gomes-Sousa. Estou realizando este questionário para coleta de dados para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado como **METODOLOGIAS DE ENSINO DE LIBRAS PARA ALUNOS SURDOS: UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**. Gostaria de contar com seu apoio, respondendo este questionário. Todas as informações serão usadas para fins acadêmicos da pesquisa, em nenhuma hipótese relevaremos as identidades dos participantes.

Você aceita participar da nossa pesquisa? (    ) Sim                      (            ) Não

### QUESTIONÁRIO PARA INTÉRPRETE DE LIBRAS NA EJA

1. Nome: \_\_\_\_\_

2. Qual a sua idade? \_\_\_\_\_

3. Qual a sua maior titulação?

(    ) Graduação: \_\_\_\_\_

(    ) Especialização: \_\_\_\_\_

(    ) Mestrado: \_\_\_\_\_

(    ) Doutorado: \_\_\_\_\_

4. Quantos anos atua na área?

(    ) 0 a 1 ano;

(    ) 2 a 5 anos;

(    ) 6 a 10 anos;

(    ) Mais de 10 anos.

5. Quais as maiores dificuldades encontradas como intérprete?

---



---



---

6. Para você, em que a escola poderia contribuir para um melhor desenvolvimento no ensino de surdos na EJA?

---



---



---

7. Na sua opinião, como os professores poderiam facilitar o ensino para os alunos surdos?

---

---

---

8. Como você define o ensino de Libras na turma de EJA?

---

---

---

9. Você contribui com algo a mais que sua função na sala de aula?

---

---

---

10. Como você vê o aprendizado dos alunos surdos na EJA?

---

---

---

11. Existe interação entre alunos surdos e professores, entre alunos surdos e ouvintes?

---

---

---

12. Qual a maior dificuldade para desenvolver seu papel na sala de aula?

---

---

---

13. Como você avalia o desenvolvimento e aprendizado dos alunos surdos?

---

---

---

14. Os professores utilizam alguma estratégia para o ensino de Libras?

---

---

---

15. Na sua opinião, o que precisa mudar na prática docente para que haja um melhor ensino de Libras para os alunos surdos?

---

---

---

16. Qual a importância do ensino de Libras para os alunos da EJA?

---

---

---

